



CASTRO, Vandersi Sant'Ana. Revisitando O Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) – um estudo do “r caipira”. In: ALTIINO, Fabiane Cristina (org.). Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012.

Thiago Leonardo **RIBEIRO**¹

Vandersi Sant'Ana Castro é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; professora do Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/UNICAMP; membro do corpo editorial da Revista Estudos Linguísticos, organizada pelo Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo.

Neste artigo a autora aborda o “r” retroflexo, também denominado “r caipira”, retomando dados referentes ao Estado do Paraná constantes do Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (AGUILERA, 1994), e analisando, nas cartas fonéticas, as ocorrências dessa variante caracterizadora do dialeto caipira. O trabalho é uma versão resumida de um capítulo da tese de doutorado da autora, configurando uma homenagem à Professora Vanderci de Andrade Aguilera por utilizar os dados do seu ALPR e por ela ter participado da banca de qualificação e da banca examinadora da tese da autora.

Encontramos no texto introdutório informações sobre o falar regional brasileiro que deu título ao trabalho de Amadeu Amaral, “O dialeto caipira: gramática, vocabulário” (1982), um marco na história da dialetologia brasileira. O dialeto caipira era falado na província de São Paulo até final do século XIX, estendendo sua influência sobre toda a população, inclusive a minoria culta. Diante de causas como a abolição do trabalho escravo, que altera a diferença dialetal, a chegada de imigrantes, o incremento de mais instruções e novas formas de comunicação, intensificando o contato entre interior e capital, Amaral, por volta de 1920, prevê o desaparecimento do dialeto caipira, época em que o dialeto se encontra restrito a pequenas

¹ Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) câmpus Jacarezinho-PR. Bolsista de Iniciação Científica Fundação Araucária (FA) 2011 – 2013. Integrante do Grupo de Pesquisa “Leitura e Ensino” (UENP/CJ). Endereço eletrônico: thiago_leonardo_ribeiro@yahoo.com.br.

localidades ou subsistente na fala dos mais velhos, observando que certos remanescentes do dialeto permanecem na linguagem do Estado. Entretanto, Rodrigues (1974), passados 50 anos, atesta a plena vitalidade do dialeto.

Para o estudo, a autora verificou a resistência fonética e lexical do dialeto caipira em Minas Gerais e no Paraná, tendo por base de dados o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG (RIBEIRO *et al.*, 1977) e o Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (AGUILERA, 1994), uma vez que essas áreas são relevantes pela proximidade geográfica com o Estado de São Paulo e pelas relações históricas envolvendo paulistas no povoamento desses Estados vizinhos.

A seguir, a autora apresenta que o “r caipira”, variante mais representativa do dialeto caipira, segundo Amaral (1982), pode ser encontrada em dois contextos linguísticos: final de sílaba (coda silábica) e posição intervocálica.

Head (1973, 1987), observando uma descrição minuciosa desse “r” característico do dialeto caipira feita por Amaral (1982), classifica-o como retroflexo, com efeito acústico rebaixado e bemolizado, e constata que o levantamento do dorso da língua produz o mesmo efeito. Amaral usava o termo “guturalizado” para essa articulação posterior ou velarizada. Head (1973) identificou como “r caipira” os dois tipos de articulação, com retroflexão e com a velarização.

Contrariando Amaral, que defendia a quase ausência de vibração tremulante na articulação do “r caipira”, Penha (1972) registrou a variante como “vibrante linguopalatal velarizada múltipla”, em estudo sobre o falar rural de São Domingos, no sul de Minas Gerais.

Assim, Amaral (1982) atesta o “r caipira” em final de sílabas e em posição intervocálica. Head (1973), entretanto, atesta somente em posição pós-vocálica (final de palavra e final de sílaba interna). Já Penha (1972) registrou a variante em final de sílaba interna e em final de sílaba externa. Para Rodrigues (1974), o “r caipira” aparece em coda silábica e posição intervocálica e também como segundo membro de encontro consonantal antes da vogal da sílaba. E, por sua vez, Leite (2004) identificou a variante retroflexa em final de sílaba interna como pronúncia típica da cidade de São José do Rio Preto-SP, após coletar seus dados junto a estudantes da cidade que faziam graduação na Universidade Estadual de Campinas.

Com base nos respectivos atlas linguísticos das áreas e demais estudiosos, a autora aponta os lugares onde se encontra o “r caipira”: interior de São Paulo (Franca, Piracicaba, São José do Rio Preto), sul de Minas de Gerais; para Amaral e outros: São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso e Goiás; conforme Aguilera (1994) e Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS, no Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul; Bahia, Sergipe e Paraíba; e norte fluminense. Com um levantamento de registros do “r retroflexo” no português do Brasil,

Brandão (2007) apresenta um mapa com as ocorrências dessa variante em território nacional (Anexo I), verificando sua presença em 14 das 28 áreas (com Distrito Federal e Ilha de Marajó contadas como áreas à parte).

Pormenorizando os dados para investigação do “r caipira” no Paraná, obtemos que a rede de pontos recobre 65 localidades, sendo inquiridos em cada uma dois informantes, um homem e uma mulher, com idade entre 27 e 62 anos, analfabetos ou com baixa escolaridade, nascidos ou criados a maior parte da vida na localidade. No caso de informante casado, o cônjuge deveria ser nato da mesma localidade. Foram examinadas relevantes cartas fonéticas do ALPR, nos contextos registrados por Amaral (1982), final de sílaba e posição intervocálica. Restando analisadas 19 cartas quanto à posição pós-vocálica e nove quanto à posição intervocálica.

Como resultado da análise, a autora nos apresenta o “Quadro 1 – Retroflexo em coda silábica no Paraná – registro por nº de localidades” (que tem como fonte o ALPR), em que podemos constatar o amplo alcance do retroflexo, a predominância do “r caipira” no Estado. A alternância com outros róticos como tepe e vibrante alveolar acontece muito pouco. Como no caso da carta 158-parteira, em que o retroflexo está presente em 54 localidades, alternando em 18 com o tepe e em uma com vibrante alveolar. Em 11 localidades não aparece o retroflexo, ocorrendo tepe em seis, vibrante em quatro e ambos em uma.

A carta 187 do ALPR (Anexo II) nos mostra a distribuição geográfica das realizações róticas em coda silábica em parteira, isto é, conforme vem abaixo do mapa, “isófonas do -/r/-, em travamento silábico, em parteira”, usando hachurado em diagonal para a ocorrência do retroflexo; em vertical, para tepe; em horizontal, para vibrante alveolar, e as demais áreas como intersecção das realizações.

Na carta 157-lagarto, o retroflexo foi verificado em 61 localidades, alternando em cinco com tepe e em uma com vibrante alveolar, e não aparecendo em quatro, ocorrendo vibrante em duas localidades e alternância vibrante/tepe em duas (pontos situados a oeste e sudoeste). Registra-se aqui a presença da retroflexão em grau mais acentuado ou variante retroflexa médio-palatal, chamado nos outros casos de retroflexo pré-palatal, pronúncia notada em 28 localidades, segundo Aguilera (1996).

Na carta 102-terça, o retroflexo apareceu em 60 localidades, exclusivamente em 54, em alternância com o tepe em seis (situadas a sudoeste do Estado). Em cinco apenas tepe, sendo uma a sudoeste, duas a oeste e duas mais isoladas, respectivamente para noroeste e centro-oeste.

Constatamos que no ponto 56-Barracão não ocorre a variante “r caipira”. Conforme explica Aguilera (1996), essas localidades mais a oeste e sudoeste foram colonizadas por gaúchos e catarinenses, criadores de suínos e plantadores de cereais, fumo e cana-de-açúcar,

diferentemente de outras áreas em que a influência paulista é notória. Essa área peculiar, a do “Paraná moderno”, foi ocupada pela terceira onda povoadora, ligada ao Rio Grande do Sul, configurando, assim, a influência sulista, razões históricas que explicam a ausência do retroflexo na localidade.

A carta no Anexo III foi elaborada para indicar as localidades onde o retroflexo em coda silábica foi atestado em uma carta (caso dos pontos 27-carta 104-árvore e 32-carta 157-lagarto), mais de uma (62 pontos) ou em que não foi registrado (ponto 56). O ponto 27 é Guáira e o 32 é Marechal Cândido Rondon, que ficam no extremo oeste do Estado, também sob influência sulista. Excepcionadas as citadas cartas onde aparece o retroflexo, predominou o uso de tepe. Em Guáira, a vibrante apareceu quatro vezes, enquanto tepe nove vezes, e em Marechal Cândido Rondon, apenas tepe.

Quanto ao grau de retroflexão mais acentuado no desempenho de um ou dos dois informantes, temos o mapa no Anexo IV, registrando tais ocorrências em 36 localidades distribuídas mais para a metade oriental do Estado, área identificada como o “Paraná tradicional”, conforme Aguilera (1996), região por onde incursionavam os bandeirantes paulistas a partir do sudeste do Estado. Contando que, em 17 dessas localidades, a variante ocorreu em mais de um item lexical (ponto 26 em quatro cartas; pontos 37, 38, 53 e 58 em três cartas; demais pontos em duas cartas), e que no ponto 54 não houve registro da variante.

No que se refere ao contexto intervocálico, ocorre uma fraca presença do retroflexo, posto que há redução na forma das palavras com prejuízo do “r” intervocálico, observando-se, ainda, que a alternância com o tepe atenua sua presença. Vale ressaltar que é encontrado em nove localidades (pontos 6, 10, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 37) distribuídas pelo norte, nordeste e leste (próximas ao Estado paulista), três a oeste (pontos 28, 33 e 39) e uma ao sul (ponto 61).

Concluindo o estudo, a autora aponta que o “r caipira” no contexto coda silábica tem presença marcante em todo o Paraná, por ser atestado em várias cartas na maioria das localidades investigadas, sendo essa retroflexão mais acentuada em área de influência paulista, e não ocorrência em localidades povoadas por sulistas (gaúchos e catarinenses), na primeira metade do século XX. Por sua vez, que o retroflexo intervocálico restou mais presente em área contígua ao Estado de São Paulo (norte e nordeste do Estado).

Diante do exposto, convém ressaltar que importante se faz conhecer a descrição da língua portuguesa brasileira, os fatores que a influenciam, bem como os registros dos vários falares que compõem a história da nossa língua. Com o estudo deste trabalho, verificamos que o “r” retroflexo ocorre mais no final das sílabas (coda silábica), tem amplo alcance no Estado, e que possui um grau mais acentuado em áreas influenciadas por paulistas. Este texto é indicado para

interessados nas realizações róticas, nas variações do “r” na língua portuguesa falada no Brasil, mais especificamente nas ocorrências do “r” retroflexo ou “r caipira” no Estado do Paraná.

Recebido em 08/2014.

Aceito em 09/2014.